

Fazenda prevê crescimento mais lento

A balança tende a estabilizar-se e a crise da Tailândia deve ser isolada

Ricardo Allan Medeiros
de Brasília

4 JUL 1997

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, disse ontem que o ritmo de crescimento da atividade econômica deve sofrer uma desaceleração nos próximos meses. A continuidade da expansão verificada em 1996 e no primeiro semestre deste ano esbarra nos seguintes fatores restritivos: a estagnação da massa real de renda dos trabalhadores, o nível geral de endividamento, a elevação dos índices de inadimplência da pessoa física e o conseqüente desestímulo ao crédito. Além disso, a alta dos estoques de bens duráveis na indústria e no comércio vem afetando o nível de atividade agregada.

"A soma destes fatores aponta para uma redução da velocidade de expansão, mas a economia continuará crescendo a taxas seguras, com um aumento do consumo de forma mais moderada", disse Mendonça de Barros, ao divulgar o Boletim de Acompanhamento Macroeconômico mensal preparado por sua equipe. O secretário ressaltou que, entre 1994 e 1996, o Produto Interno Bruto (PIB) teve aumento médio de 4,42% e o per capita de 2,94%, o que desqualificaria críticas segundo as quais o País vem produzindo menos riqueza desde a implantação do Real. De 1990 a 1993, o cresci-



José Roberto Mendonça de Barros

mento real médio foi negativo em 0,2% e o per capita caiu 1,75%.

Como antecipou ontem este jornal, o governo verificou uma queda no ritmo das importações em relação ao PIB no primeiro semestre, depois de um pico no último semestre do ano passado. Segundo o bole-

tim, a partir do segundo trimestre deste ano, uma série de fatores vêm atuando positivamente na balança comercial. Houve uma evolução nos preços de commodities importantes na exportação brasileira, enquanto os preços do petróleo e do trigo, dois dos principais produtos na pauta de importações, estão em baixa no mercado internacional. O governo verificou também uma melhora nas exportações provocada principalmente pelo desempenho do café, soja e pelo preço do açúcar.

"A balança tende a se estabilizar e os problemas devem ser reduzidos", disse o secretário. Ele afastou especulações de que o déficit na balança comercial de anteontem, de US\$ 157 milhões – resultado de importações de US\$ 398 milhões e exportações de US\$ 241 milhões –, representa uma tendência que será seguida nos próximos dias. Segundo ele, o resultado foi obtido por causa

da compra de três aviões Boeing por uma companhia aérea, no valor total de US\$ 187 milhões. Desconsiderando-se esta operação, haveria um superávit no dia de US\$ 30 milhões.

Mendonça de Barros descartou a hipótese de qualquer influência da desvalorização cambial de cerca de 20% da Tailândia no ritmo de investimentos estrangeiros no Brasil. Afastou também a possibilidade de uma deterioração nas contas externas brasileiras ou efeitos na condução da política econômica, apesar de o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso ter afirmado que um dos únicos fatores de perigo para o Real é o desequilíbrio externo. "O mercado já estava preparado para o que viria a ocorrer na Tailândia. O cenário internacional ainda é tranquilo. Na Tailândia, o déficit em conta corrente era muito maior do que o brasileiro e os sistema financeiro estava fragilizado", disse.